

Marco Aurélio de Souza

Desarranjo

Editora Penalux, 2020

DEE

RAN

SAR
JO

**O MUNDO
ORDINÁRIO**

Um

À revelia dos pneus de caminhão que adornavam minha flácida barriga de garotinho criado pela pedagogia da televisão aberta grudada na íris, eu adorava passear na praia de Enseada, catando conchas à beira dos jacarés enquanto o pesadelo das aulas de matemática não retornava para o vão do meu sonambulismo precoce. Ainda que a falta das aventuras mirabolantes de um Super Nintendo me fizesse tremer de abstinência no raiar do terceiro dia, eu aguentava firme no calor forte e abafado do litoral norte de Santa Catarina, com sua coleção de polacos farofeiros queimados pelo sol de meio-dia, sobrevivendo de churras-cadas que se alongavam manhãs e tardes inteiras e bolas enormes de sorvete de passas ao rum – milho verde e crepe suíço na orla sem glamour, uns picolés de gelo para hidratar. Na minha década de noventa particular, eu construía castelos de areia que não se firmavam e me revoltava com as ondas que, na ressaca do fim da tarde, derrubavam minhas fantasias de cavaleiro do zodíaco num deserto de caranguejos gigantes e beduínos vestidos com biquínis oleosos ou sungas apertadas, todos eles

carregando as marcas visíveis da insolação que irradiava ferrenha dos quase 40 graus que nos castigavam sem dó.

Naquele tempo, o câncer de pele ainda não existia. Eu acreditava em metáforas do senso comum e me divertia com sessões de proto-pornografia no programa do Gugu. Era feliz e, contrariando o jargão dos ressentidos, também sabia disso. Pelo menos é o que me sugere a fotografia amarelada que agora revejo no álbum embolorado da família, onde minha infância calórica sopra com grandes bochechas infladas as velas de um bolo improvisado na festinha de aniversário dos nove anos. Desde então, sigo me esforçando para sentir as alegrias mais triviais, sabendo que algumas coisas mudaram um tanto à força, pela idade que vai chegando e travando o movimento dos membros, afetando o funcionamento do sistema digestivo, desregulando nossos horários de evacuação e, sobretudo, exigindo compromissos ou alguma vocação profissional. Isso e mais o terror da responsabilidade pelos próprios atos: a possibilidade premente da falência social, existencial e econômica ou, em outras palavras, o fim da moratória que validava a mi-

nha vadiagem quase criativa de jovem branco de classe média com alguma imaginação e objetividade zero.

Só que algumas coisas sempre continuam. Como o meu entusiasmo diante de uma taça de sorvete sabor passas ao rum. Ou esse impulso que me atacou no último final de semana, quando comprei as quatro primeiras temporadas dos Cavaleiros do Zodíaco que continuavam empoeiradas na prateleira de infantis das Lojas Americanas – prova ou indício de que a identidade é mesmo um monstro frágil que se tece naquilo que um sociólogo maroto poderia ter chamado (ou já chamou) de longa duração do indivíduo. No mais, pouco reclamo, e também a minha barriga flácida e cheia de riscos de pneu permaneceu, além do gosto pelas metáforas gastas e a masturbação silenciosa e cheia de culpa assistindo aos vídeos da banheira do Gugu que, agora, também pode ser gozada pelo YouTube e, por isso, já faz mais de uma década que eu nunca mais assisti o SBT.

Tudo isso eu matutei enquanto folheava, em busca de alguma inspiração, o álbum velho que peguei emprestado na casa da mãe, cheio

de lembranças dolorosas, como tudo que está morto e enterrado no passado caricaturado dos cliques meio bregas em família. Então eu me virei para a Fernanda e, num momento de epifania, perguntei entusiasmado: “o que você pensaria sobre um livro que começasse com a frase ‘a primeira frase do meu livro deve ser como a primeira frase de um livro deve ser?’”, ao que ela me respondeu um tanto lacônica, “Ricardo Piglia aprovaria”. Fiquei puxando da memória a imagem de Ricardo Piglia, mas não achei nada e acabei me perdendo com o pensamento em Roberto Piva, que bem poderia entrar em qualquer canto do meu romance como uma referência transante de escritor metido a marginal. Nestes tempos sombrios da atual contemporaneidade que vivemos hoje, emplacar as referências corretas é algo fundamental. Então eu tentei camuflar a minha vergonha – percebi que sou menos culto do que ela – respondendo um inosso “humm, legal” que deveria sinalizar meu desinteresse. Eu esperava uma resposta mais profunda, sabe.

Fui ao Google um tempo depois e descobri que Ricardo Piglia é um escritor argentino, com pinta de importante, desses que eu deve-

ria conhecer e não conheço, e que ainda está vivo, se o seu artigo na Wikipedia estiver devidamente atualizado. Ela diz amar todos os escritores latino-americanos, creio que por um sentimento meio fake de irmandade ou solidariedade na pobreza continental, impulso completamente incompreensível para mim. De minha parte, já tentei pegar umas cabritinhas enviando poesias do Pablo Neruda pelo MSN, mas isso nunca funcionou. A estratégia só foi produzir algum efeito durante a faculdade, quando o presidente do centro acadêmico de História me pediu um poema comunista para botar num cartaz. Mandei a ele qualquer coisa do poeta chileno e o cara acabou se apaixonando por mim, só que ele era feio pra dedéu.

Eu expliquei a ela que queria começar o meu novo livro com essa frase, “a primeira frase do meu livro deve ser como a primeira frase de um livro deve ser”, e que seria divertido começar o romance com certo verniz de metalinguagem e autoteorização, para dar algum trabalho e prazer aos críticos ruins (que, vá lá, se não perfazem a totalidade, são a imensa maioria). Embora atrasado em mais de um século, de algum modo meu romance ainda



LIVROS ILUMINAM

Impresso em Pólen Soft 80g/m²
São Paulo para Editora Penalux, em agosto de 2020.